Articulando

Casos & Causos

Nestor Leme

Manjule ou Cacareco?

Manjule, um dos maiores futebolistas serranos, ao lado de Enzo Perondini | Arquivo: Nestor Leme

Acho que fiquei amigo do Armando Del Ciello, no dia que ele apareceu no Campo do XV para jogar futebol, por volta de 1952. Ele adorava o futebol, foi jogador, apitou jogos, e como técnico, dirigiu vários times serranos, sendo que um deles era o time do Conselho Municipal de Esportes, para o qual, o Pim o convidava como técnico nos jogos festivos que fazíamos.

E por que o título "Manjule ou Cacareco"? Sempre ouvi o pessoal chamá-lo de Manjule, não sei se esta palavra tem algum significado, mas sabemos como são os apelidos: o apelidado aceitou, está confirmado.

E quem foi este personagem? O Manjule, pertencia ao elenco principal do folclore serrano, onde brilhava ao lado de João Nunciaroni, Bastiãozinho, Chico Ferpudo e outras figuras fantásticas, hoje infelizmente desaparecidas, mas que nos deixaram uma fartura de passagens engraçadas, registradas em nossa história.

Bem, já citei que o Manjule escreveu sua trajetória no futebol. O nosso primeiro encontro futebolístico aconteceu no Domingo de Páscoa de 1963, quando o time do Bairro do Matadouro chegou na Fazenda Campineiro, no Brumado, para disputar um torneio futebolístico. Chegando ao lugar, vimos que o Manjule, envergando o uniforme do Querência, estava lá para nos enfrentar. Acabaram as partidas eliminatórias e chegamos, junto ao Querência, para disputa final: eu jogando no ataque do Matadouro e o Manjule na defesa do Querência. E eu, que sabia como o amigo entrava nas disputas de bola, temeroso, procurei fugir da sua marcação. Mas como no futebol acontece o inesperado, também naquele dia, a coisa aconteceu. Faltando pouco tempo para terminar a partida, recebi a bola e logo surgiu em minha frente, o Manjule, pronto pra me desarmar. Com medo de levar uma botinada, dei um toque na bola pra frente e como ele vinha correndo em minha direção, deu uma furada medonha, me deixando livre, na frente da meta defendida pelo goleiro Egídio Corsi. Chutei e marquei um dos poucos gols de minha carreira.

Na eleição para vereadores de São Paulo, no ano de 1959, estudantes em protesto contra os políticos, fizeram uma campanha para o rinoceronte Cacareco, que recebeu do eleitorado mais de 100.000 votos. Quando o Manjule soube disto, se intitulou como Cacareco e começou a fazer uma campanha contra a política local, distribuindo panfletos escritos por ele, nos quais ele, além das críticas, também afirmava que seria candidato a prefeito de Serra Negra. Tudo patrocinado pelo Joaquim do Hotel do Comércio, que gostava da farra. Mas um dia, o Joaquim faleceu, acabando o patrocínio e a carreira política do Manjule.

De volta ao futebol, numa tarde, se enfrentavam em nosso estádio um time de Serra Negra, contra outro de Socorro, e neste jogo, o Manjule marcava o rápido atacante socorrense Zé Braz, que lhe estava dando um baita suadouro. Num lance, o Zé Braz, de posse da bola, se preparava para atacar, e o Niquinho – que era irmão do Manjule – dirigia o time serrano e gritava para ele, o alertando na marcação do homem. Porém, o Manjule, que já estava esquentado com o Braz, vai para cima dele e lhe dá uma sapatada, o mandando contra o alambrado. Vendo o árbitro ameaçar o irmão de expulsão, o Niquinho bravo gritou; "Armando, mandei você marcar o homem e não o matar!". Hoje lembramos com saudades, destes personagens, dos quais só sobraram as histórias.

Crônicas do Dia a Dia

Guida Gerosa

Uma simples carona

O mundo está mesmo muito maluco, não é mesmo? Hoje pela manhã estava indo ao centro esportivo da Prefeitura, e vendo uma moça com roupa de ginástica, achei que ela poderia estar indo também para a academia, diminui a velocidade e perguntei se ela ia para lá. Eu iria oferecer uma carona, afinal, aquela subida até a academia é brava. Ela me respondeu: "Não sei!". Fui embora pensando que o mundo está mesmo louco, até quando se quer apenas praticar uma boa ação, acontecem coisas estranhas.

Nas minhas andanças pelo interior desde minha infância, aprendi a ajudar os outros com um transporte, pois, antigamente, não havia tantos ônibus ou transportes. Na fazenda, o cocheiro levava todos de carroça para uma fazenda vizinha onde ficava a escola. Meu vizinho da fazenda, vinha a cavalo, deixava-o num piquete pastando e pegava o ônibus para ir estudar em Avaré. Os tempos mudaram e esse tipo de ajuda ficou impraticável, mas algumas poucas situações ainda são confiáveis. O mundo está mais acelerado e impaciente e ter atenção com outros, parece ser um desafio. Minhas gentilezas são automáticas, frutos dos costumes desde a infância, mas estamos iniciando um tempo em que ninguém mais se importa com o outro. É como se a cortesia e a amabilidade fossem moedas raras em meio a uma economia de egoísmo e pressa. Às vezes queremos ajudar alguém, mas na correria do dia a dia, não conseguimos.

Cortesias, ajudas verdadeiras e tantas boas coisas que andam meio perdidas por aí. As pessoas só querem olhar para si mesmas e se envolver com suas atividades. Ser amável é uma arte sutil, que exige sensibilidade e disponibilidade de tempo. No entanto, muitas vezes nos vemos, pois, estamos tão absorvidos por nossas próprias preocupações que deixamos passar despercebidas as oportunidades de tornar o mundo um lugar um pouco mais amável. Ser gentil é difícil no atribulado mundo nervoso. Qual é o nervoso que consegue ser amável? Ficamos imersos em nossos pensamentos, e não percebemos as necessidades dos outros. Muitas vezes fechamos os olhos para o que ocorre ao nosso redor e vestimos uma armadura de insensibilidade.

O mundo só será melhor quando todos forem capazes de generosidade e doação. Ser cortês, requer que doemos nosso tempo para algo ou alguém. Mesmo que nesses novos tempos pareça estranho se doar, só assim o mundo poderá ser melhor e a humanidade se conectar através do amor. Apesar de existirem pessoas meio estranhas, sempre que puder, estendo a mão, numa ajuda ou caroninha.

Cultura e Vida

Henrique Vieira Filho

Vento, Ventania!

Na semana passada, o público pôde curtir o cinema itinerante, a exposição de artes plásticas, a instalação de moda sustentável e participar das filmagens iniciais dos documentários sobre as águas de nossa região e do centenário do pintor Cid Serra Negra. Teve até contação de histórias (baseadas nestas crônicas semanais) e performance de lindas e poderosas sereias, que cantaram e encantaram a todos!

Sereias Performando na Fontana de Trevi de Serra Negra
Fotografia: Henrique Vieira Filho

Muitos achavam que iria cair uma tempestade naquele dia, mas, na verdade, estava tudo combinado com São Pedro e com Amanaci (divindade indígena das chuvas) que cumpriram o acordo: nenhuma gota caiu dos céus durante as atividades da inauguração da Residência Artística do Circuito das Águas!

Porém, nos bastidores, teve corre-corre acudindo as obras de arte que pareciam querer alçar voo! Eis que me dei conta: esqueci de combinar com Santa Bárbara e Iansã, que comandam os ventos!

Terminado o evento, fui pedir desculpas a elas; expliquei que nunca lhes faltaria com o respeito e que o lapso se deu pelo cansaço causado pelos preparativos. Ambas compreenderam, mas, me deram uma lição de moral... e de história!

Iansã disse que, como sou "assessor de assunto aleatórios", tenho a obrigação de saber que, além delas, tem vários outros para quem devo me desculpar: os gregos Éolo, (deus dos ventos) e as divindades cardeais Bóreas (ventania do norte, fria e violenta), Zéfiro (brisa oeste, suave e agradável), Euro (o vento leste, criador de tempestades), Noto (sopra do sul, quente e formador de nuvens) e lembrar de incluir Seth, divindade egípcia dos vendavais e o representante brasileiro, o Polo, mensageiro de Tupã e soberano das ventanias.

Complementando a bronca, Santa Bárbara ainda pontuou a ironia de eu estar trajado como tritão durante parte da apresentação sereística em homenagem ao Dia Mundial da Água e sequer saber que o primeiro catavento de que sem tem notícia foi justamente ornamentado com a figura de um "sereio" (ao invés dos atuais galos com os pontos cardeais). Isso nos idos de 50 a.C., no topo da Torre dos Ventos, também chamada de Horológio de Andrônico, que ficava em Atenas.

Eu não sabia mais onde me esconder, de tanta vergonha, quando as duas caíram na gargalhada e me explicaram que elas jamais atrapalhariam a inauguração, pois sabem da importância para a Cultura da região. E que, na verdade, o causador de toda aquela ventania foi o.... Saci!

Meu Deus: e não é que esqueci de incluir na exposição a pintura que fiz desse travesso?

Vento, Ventania!

Na semana passada, o público pôde curtir o cinema itinerante, a exposição de artes plásticas, a instalação de moda sustentável e participar das filmagens iniciais dos documentários sobre as águas de nossa região e do centenário do pintor Cid Serra Negra. Teve até contação de histórias (baseadas nestas crônicas semanais) e performance de lindas e poderosas sereias, que cantaram e encantaram a todos!

Muitos achavam que iria cair uma tempestade naquele dia, mas, na verdade, estava tudo combinado com São Pedro e com Amanaci (divindade indígena das chuvas) que cumpriram o acordo: nenhuma gota caiu dos céus durante as atividades da inauguração da Residência Artística do Circuito das Águas!

Porém, nos bastidores, teve corre-corre acudindo as obras de arte que pareciam querer alçar voo! Eis que me dei conta: esqueci de combinar com Santa Bárbara e Iansã, que comandam os ventos!

Terminado o evento, fui pedir desculpas a elas; expliquei que nunca lhes faltaria com o respeito e que o lapso se deu pelo cansaço causado pelos preparativos. Ambas compreenderam, mas, me deram uma lição de moral... e de história!

Iansã disse que, como sou "assessor de assunto aleatórios", tenho a obrigação de saber que, além delas, tem vários outros para quem devo me desculpar: os gregos Éolo, (deus dos ventos) e as divindades cardeais Bóreas (ventania do norte, fria e violenta), Zéfiro (brisa oeste, suave e agradável), Euro (o vento leste, criador de tempestades), Noto (sopra do sul, quente e formador de nuvens) e lembrar de incluir Seth, divindade egípcia dos vendavais e o representante brasileiro, o Polo, mensageiro de Tupã e soberano das ventanias.

Sereias Performando na Fontana de Trevi de Serra Negra
Fotografia: Henrique Vieira Filho

Complementando a bronca, Santa Bárbara ainda pontuou a ironia de eu estar trajado como tritão durante parte da apresentação sereística em homenagem ao Dia Mundial da Água e sequer saber que o primeiro catavento de que sem tem notícia foi justamente ornamentado com a figura de um "sereio" (ao invés dos atuais galos com os pontos cardeais). Isso nos idos de 50 a.C., no topo da Torre dos Ventos, também chamada de Horológio de Andrônico, que ficava em Atenas.

Eu não sabia mais onde me esconder, de tanta vergonha, quando as duas caíram na gargalhada e me explicaram que elas jamais atrapalhariam a inauguração, pois sabem da importância para a Cultura da região. E que, na verdade, o causador de toda aquela ventania foi o.... Saci!

Meu Deus: e não é que esqueci de incluir na exposição a pintura que fiz desse travesso?